

Biblioteca Digital Curt Nimuendaju

<http://biblio.etnolinguistica.org>

Seki, Lucy. 1984. Problemas no estudo em uma língua em extinção.
Boletim da ABRALIN, 6, 109-118.

Permalink: http://biblio.etnolinguistica.org/seki_1984_problemas

O material contido neste arquivo foi escaneado e disponibilizado online com o objetivo de tornar acessível uma obra de difícil acesso e de edição esgotada, não podendo ser modificado ou usado para fins comerciais. Seu único propósito é o uso individual para fins de pesquisa e aprendizado.

Possíveis dúvidas ou objeções quanto ao uso e distribuição deste material podem ser dirigidas aos responsáveis pela Biblioteca Digital Curt Nimuendaju, no seguinte endereço:

<http://biblio.etnolinguistica.org/contato>

O presente item, digitalizado a partir de original fornecido por Victor Petrucci, foi incluído no acervo da Biblioteca Digital Curt Nimuendaju em março de 2009.

Março 1984

Boletim

6

A B R A L I N

Associação Brasileira
de Lingüística

* A participação do Prof. Carlos Alberto Faraco se deu graças à ajuda da FAPESP (Proc. 84/1014-0).

Referências Bibliográficas

- COSERIO, E. Sincronia, Diacronia e História: o problema da lingüística. Rio, Presença, 1979.
- FARACO, C. A. The Imperative Sentence in Portuguese: a semantic and historical discussion. Ph. D. Thesis, Salford (UK), Salford University.
- FRISTEVA, I. História da Linguagem. Lisboa, Edições 70, 1974.
- SAUSSURE, F. Curso de Lingüística Geral. São Paulo. Cultrix, 1970.

Simpósio 4:

PROBLEMAS NO ESTUDO EM UMA LÍNGUA EM EXTINÇÃO

Lucy Seki

(UNICAMP)

As línguas obsoletas, bem como os vários aspectos relacionados à morte de línguas têm sido objeto de crescente interesse por parte de lingüistas e outros estudiosos. De um lado a investigação de tais línguas muito pode contribuir para a teoria lingüística, em particular para um melhor conhecimento dos universais de mudança e das relações entre estrutura lingüística e funções da linguagem. De outro lado, o estudo dos diversos fatores envolvidos no desaparecimento de línguas pode oferecer subsídios para a formulação de uma política adequada com relação às línguas minoritárias (num sentido a ser definido adiante) que são, via de regra, as que correm o risco de extinção. Essas questões adquirem especial relevo no contexto brasileiro, onde existem inúmeras línguas minoritárias que a política em vigor insiste em ignorar e onde, ao mesmo tempo, tenta-se utilizar a existência de uma língua própria como um critério de indianidade de um povo.

Esta comunicação pretende tratar de problemas com que nos defrontamos no estudo de uma língua brasileira ameaçada de extinção. Antes, porém, parece-nos conveniente abordar, ainda que de modo necessariamente breve, alguns aspectos relacionados à questão da "morte" de línguas, na medida em que serão úteis à discussão.

As tentativas em definir o que vem a ser "morte" de uma língua com base em definições de "língua" são problemáticas e contraditórias, conforme já observado por Denison (1977), no qual nos inspiramos para o apanhado que se segue.

De fato, se se parte do conceito de língua enquanto um sistema supraindividual de regras (cf. língua no sentido de Saussure, ou competência lingüística, segundo Chomsky) a conclusão é a de que uma língua deve ser considerada extinta quando não pode ser codificada e descrita mesmo através de registros. Neste sentido o Etrusco seria uma língua morta, mas não o Tupinambá, embora esta última esteja cristalizada num determinado estágio de sua existência, não seja mais falada como tal, e não tenha a capacidade de se desenvolver.

Ao contrário, se partirmos da compreensão funcional da língua enquanto um sistema de meios de expressão que tem uma finalidade (a comunicação antes de tudo) e que apresenta, portanto, como atributo constante e essencial a mutabilidade, o potencial de desenvolver e de se a-

daptar, deveríamos concluir com Vachek (apud Denison, 1977) que uma língua se extingue quando deixa de se desenvolver. Sob este ponto de vista o Tupinambá, tal como fixada nos documentos históricos, seria uma língua morta, mas, ao mesmo tempo, não poderia ser assim considerada pois se desenvolveu e se adaptou, assumindo a forma do que hoje se denomina a Língua Geral Amazônica. Ainda aqui deve-se admitir, dadas as evidências relativas ao hebraico, que uma língua pode estar em estado de morte por algum tempo e ressuscitar tão logo existam as condições propícias para seu uso desde que, naturalmente, existam registros bastante completos da mesma que possibilitem o seu conhecimento enquanto sistema supraindividual de regras.

Um outro aspecto a considerar é a compreensão de língua enquanto um sistema que apresenta uma certa homogeneidade estrutural no tempo e no espaço. Vista sob este prisma, uma língua que muda de modo significativo não é a mesma língua do período anterior às mudanças, e a língua desse período, se não é mais falada, deve ser considerada uma língua morta. Um exemplo seria o Tupinambá com relação à Língua Geral. Cabe perguntar em que medida uma língua deve mudar para que se transforme em outra língua. Sabe-se que não há limites claros entre diferentes estados de uma língua, seja do ponto de vista do espaço, seja do ponto de vista do tempo. Só podemos dizer que o Tupinambá é uma língua diferente da Língua Geral porque no caso é bem conhecido o estado anterior (o Tuninambá) desta língua e, o que é mais importante, com base em um ponto de vista externo aos falantes, aos quais caberia, de direito, decidir quanto à questão de identidade lingüística.

Verifica-se assim que com base em conceitos puramente lingüísticos, tomados isoladamente, é difícil de se chegar a uma conclusão adequada quanto ao que seja uma língua extinta ou uma língua viva, ou quanto à identificação de diferentes estados de uma língua como sendo a mesma língua ou diferentes línguas. Contudo, partiremos do princípio de que uma língua está extinta quando não tem falantes que a adotem e quando não foi e não pode ser codificada e descrita, mesmo que através de registros.

Uma língua deixa de ser falada ou devido ao desaparecimento dos falantes, ou porque estes deixam de usá-la, substituindo-a por outra. No primeiro caso, se o desaparecimento dos falantes decorre de etnocídio ou de assimilação forçada fala-se em "linguicídio" (Kloss, apud Dressler e Wodak-Leodoeter, 1977). No segundo caso, se na substituição da língua está envolvido o desinteresse dos falantes em usar e transmitir a língua materna pode-se, em certas situações, falar de "suicídio" lingüístico (Denison, 1977).

A substituição de uma língua por outra ocorre, via de regra, em comunidades multilíngues sob a influência de múltiplos e complexos fatores fundados, em última análise, na desigualdade de condições em que se encontram os falantes das línguas envolvidas - dominante de um lado, e minoritárias, de outro, entendendo-se por língua minoritária aquela que se caracteriza simultaneamente por ter um número reduzido de falantes e por ser desprestigiada com relação à língua dominante (Dressler, 1977).

Sob um prisma político, as minorias lingüísticas são oprimidas e sem voz, sem condições de fazer valer os seus direitos mais básicos, inclusive no que se refere à adoção de medidas capazes de favorecer a preservação de sua cultura e sua língua. De um ponto de vista sócio-psicológico, a situação de opressão a que está submetida a minoria lingüística, o desprestígio de sua cultura e de sua língua face àquela da sociedade dominante, a internalização de estereótipos de que é vítima, tudo isto pode levar a conflitos de identidade e a uma atitude negativa com a língua e culminar no abandono da mesma. Sociolinguisticamente, as minorias lingüísticas convivem com grupo majoritário, falante de língua institucionalmente organizada, numa situação em que todos os fatores favorecem e mesmo implicam a necessidade de adoção da língua dominante. Surge a diglossia, à qual se segue com frequência a perda de funções e de diversificação por parte da língua minoritária que deixa, entre outros, de ser usada na socialização. Lingüisticamente, na língua minoritária se fazem sentir os fatores mencionados. Ocorre a simplificação e desorganização estrutural da língua que pode finalmente desaparecer.

Este quadro geral bastante simplificado das condições em que se processa o desaparecimento de línguas pode, naturalmente, sofrer alterações, agravando-se ou amenizando-se dependendo das condições históricas particulares de cada minoria lingüística.

Dentre as línguas minoritárias brasileiras está o Krenak, da família lingüística Botocudo (Borum), segundo classificação de Rodrigues (1972). Os dados em que nos fundamentamos provêm a) de trabalho de campo para estudo da língua e da situação sociolingüística da comunidade Krenak e b) de levantamento das fontes de dados sobre a história dos Botocudo em geral e dos Krenak em particular.

O Krenak ou, mais propriamente, o Krenak/Nakrehé é atualmente o único representante da família lingüística Botocudo que ocupava, no passado, toda a região compreendida entre o rio Pardo, na Bahia, e os afluentes da margem sul do rio Doce, nos estados de Minas Gerais e Espírito Santo. Embora o Krenak (e o Botocudo em geral) tenha sido consi-

derado extinto por alguns estudiosos (Ribeiro, 1957; Emmerich e Monserrat, 1975), a nosso ver tal status não pode ser incondicionalmente atribuído à língua. Basta aqui acentuar que o Krenak tem falantes (e pode assim ser codificada e descrita) e é por eles reconhecido como sendo a língua da comunidade, a marca de sua identidade.

Por outro lado, é inegável que o Krenak se encontra extremamente ameaçado de desaparecimento. Esta constatação baseia-se no fato de que, além de ser uma língua minoritária, isto é, numericamente muito reduzida e desprestigiada, ao Krenak se aplicam de modo drástico, os fatores de ordem política, sociopsicológica e sociolinguística já referidos, pois que agravados por fatos particulares à história dos Botocudo, mormente no que se refere ao seu confronto com os civilizados.

O tempo disponível para esta comunicação nos impede de abordar em detalhes a história desse confronto (veja-se a respeito Ottoni, 1888; Marcato, 1979; Seki, 1983, 1984). Diremos apenas que os Botocudo foram, até período bem recente, objeto de um dos mais cruéis tratamentos por parte dos "civilizados", o qual incluiu extermínio físico, aculturação forçada, escravização e dispersão. O processo de desestruturação dos Botocudo continuou mesmo quando este povo, já muito reduzido em número, habitava postos indígenas e se encontrava, portanto, sob amparo oficial. Sofreram privações de toda sorte, transferências várias para locais habitados por outros grupos indígenas e se viram obrigados a conviver com o Reformatório Indígena, que funcionava em suas áreas e para o qual eram enviados índios de diferentes tribos e regiões. Assim, a discriminação por parte dos civilizados somava-se a de grupos indígenas, em cujas terras os Botocudo eram tratados como intrusos.

A redução numérica levou à aglutinação dos representantes de diferentes sub-grupos Botocudo. Não obstante ser conhecida com o nome de Krenak, além destes a comunidade inclui representantes e/ou descendentes de Munhajirum, Gut-Krak e principalmente Nakrehe. A comunidade como um todo apresenta um alto grau de miscigenação com não botocudos (índios e não índios) e acha-se bastante dispersa, tendo um núcleo principal de 57 pessoas (na ocasião da pesquisa de campo) na Aldeia Krenak, à margem esquerda do rio Doce, Município de Resplendor, e com representantes na Fazenda Guarani (MG), no Bananal, em Mato Grosso, São Paulo e Paranã.

Todos falam o português característico da região rural e apenas cerca de quinze adultos acima de quarenta anos mantêm, em graus variados, um melhor conhecimento da língua nativa. Isto constitui evidência de que o Botocudo há algum tempo não vinha sendo usado na socialização. Um grande peso tem aqui as uniões interétnicas que levaram à descontinuidade na transmissão da cultura e da língua e que, ao lado da

dispersão, constitui um fator que dificulta o uso da língua.

A língua é usada principalmente por mulheres (sem número de seis, no rio Doce) no contexto familiar e nas situações em que todos os participantes da comunicação a falam ou entendem. É usada também nas ocasiões em que desejam evitar que pessoas estranhas tenham acesso ao que dizem. Ao que foi possível observar, falam com mais desenvoltura e também respondem mais prontamente às perguntas do pesquisador quando o assunto é referente a fatos e objetos ligados ao passado cultural.

Verifica-se assim que a língua perdeu, além da função de socialização, também a função de comunicação no sentido amplo do termo. Mantem no entanto, a função de solidariedade e, ao lado dos laços de parentesco, é um fator de coesão e identidade grupal. Persiste, ainda, alguma forma de função ritual e estética que se exprimem, por exemplo, no uso de fórmulas mágicas para sustar a enchente do rio, ou em cânticos que têm por temas a vida da comunidade. Por outro lado a língua assumiu uma função de resistência. Entendida como marca de identidade do povo, mesmo por aqueles representantes que não a dominam, a língua é o único bem que restou aos Krenak e constitui o último reduto em cuja defesa contra a incursão dos civilizados concentram suas forças.

Paralelamente à perda de algumas funções, o desuso levou também à perda de diversificação da língua, pelo menos superficialmente. A julgar pela dificuldade em obter textos seguidos, e pelo que se pode observar da linguagem em uso, esta ficou em grande parte reduzida a uma forma dialógica.

Necessário é ressaltar que desde o retorno da comunidade ao rio Doce, 1980, têm-se desenvolvido mecanismos conservadores e revitalizadores do idioma. O fato de terem conseguido voltar ao local de origem por sua própria iniciativa contribuiu para uma valorização da auto-imagem, fortaleceu o desejo de recuperar o passado e a língua. Livres de proibições e de discriminação quanto ao seu uso, têm procurado falá-la e também ensiná-la às crianças.

No processo de investigação do Krenak/Nakrehe defrontamos com uma série de problemas decorrentes da situação particular dessa minoria linguística e do estado em que se encontra a língua.

Um desses problemas é a atitude quase geral de desconfiança e mesmo agressividade para com o pesquisador. Tal atitude é compreensível, se considerarmos que os Krenak/Nakrehe têm bem presentes na memória todos os sofrimentos por que passou o seu povo na história de seu contacto com os "civilizados". Assim, a tendência era nos encarar como um civilizado a mais, pronto a enganá-los e explorá-los. Acresce que alcançamos os Krenak ainda na Fazenda Guarani, num meio inóspito e alheio, convivendo com representantes de diferentes tribos pelos quais eram

disorriminados, passando toda sorte de privações. Posteriormente estive mos com eles já no rio Doce, para onde se haviam transferido à revelia dos órgãos oficiais e onde enfrentavam dificuldades de moradia, falta de alimentação, etc, vivendo em grande tensão resultante das pressões dos fazendeiros e da incerteza de sua situação. Nestas circunstâncias, somente à custa de grande esforço e paciência nos foi possível vencer em parte a desconfiança e a animosidade e conseguir desenvolver o estudo da língua.

Outro problema também relacionado ao contacto com os informantes decorre da rivalidade existente entre representantes de diferentes sub-grupos Botocudo, que na época da pesquisa se dividiam por duas casas arruinadas pela enchente do rio. Devido a essa rivalidade não foi possível trabalhar com informantes das duas casas ("se você quer trabalhar com eles lá pode ir, mas eu não vou mais te ensinar"). Decidimos então trabalhar com uma informante do grupo Gut-Krak, já idosa, e que todos apontavam como sendo a que melhor conhecia a língua, embora estivéssemos conscientes das dificuldades que tal opção poderia nos trazer com relação aos representantes da outra casa. Essa rivalidade entre os representantes de diferentes sub-grupos tem, a nosso ver, raízes históricas, estando relacionada a características sócio-culturais dos Botocudo e não decorre, como se poderia ingenuamente supor, da "retribuição" feita ao informante pelo seu trabalho.

A atitude negativa que se observa na comunidade em geral quanto ao ensino da língua constitui uma séria dificuldade no estudo do Krenak. É possível que em parte essa atitude se deva à consciência de que já não dominam a língua como antigamente. Julgamos porém que a reserva em ensinar está fundamentalmente relacionada à função de resistência de que a língua se revestiu no decorrer do confronto dos Botocudo com os civilizados.

Malgrado a reserva geral, há alguns informantes que ficam divididos entre o desejo de dar a conhecer a "língua", de que sentem grande orgulho, e a pressão contrária da comunidade. E foi com o auxílio desses representantes que conseguimos ir aos poucos penetrando nos segredos do Krenak/Nakrehê e fixando aspectos do mesmo através de anotações e gravações. Contudo, tivemos sempre de agir com muito cuidado, ficando muitas vezes num impasse. Se não demonstrássemos capacidade em aprender provocávamos o desinteresse do informante ("se você não aprendeu até agora não aprende mais..."; "está difícil... com os outros também é assim, peleja, peleja mas não aprende"). Por outro lado, se deixávamos que percebessem progressos no conhecimento da língua provocávamos, ao lado da satisfação da informante, uma reserva maior por parte da comunidade. Era como se estivéssemos ultrapassando um determi-

nado limite, além do qual sua resistência estava ameaçada.

Também problemática é a coleta de dados pelas vias usuais, devido ao esquecimento dos falantes e a certas particularidades culturais do povo. Observa-se, por exemplo, uma recusa sistemática em repetir itens já fornecidos. Para conseguí-lo usávamos de artifícios como, por exemplo, pronunciar de modo deliberadamente incorreto os itens necessários, caso em que a informante não resistia ao desejo de nos corrigir. Observa-se também uma ligação extremamente forte ao contexto situacional, o que tornou difícil a utilização de questionários existentes que, apesar das muitas falhas, são de utilidade no sentido de permitir maior rapidez no estudo da língua, principalmente na fase inicial do trabalho.

Pelas mesmas razões foi necessário desmembrar séries de questões destinadas à determinação de paradigmas, dividindo-as em várias entrevistas e acarretando, assim, maior morosidade no trabalho.

Uma grande dificuldade encontrada no estudo do Krenak/Nakrehê é o número limitado de informantes potenciais que, além do mais, encontram-se dispersos. Conforme mencionado, a rivalidade, entre representantes de diferentes sub-grupos e a atitude negativa da comunidade com relação ao ensino da língua a pessoas alheias à comunidade dificultam o trabalho com vários dentre os poucos informantes potenciais. No rio Doce trabalhamos com S.S., uma representante já idosa do grupo Gut-Krak, viúva de um Nakrehê, considerada como um dos membros da comunidade que melhor domínio tinham da língua nativa. Fora do rio Doce serviram-nos de informantes tres representantes do grupo Nakrehê - J.D, A.J. e J.A. Inicialmente coletamos junto a esses falantes um mesmo conjunto de dados, o que nos permitiu verificar que as diferenças dialetais são mínimas. Ampliamos depois a coleta de dados, conseguindo assim obter um corpus bastante razoável da língua. Contudo, dada a situação em esta se encontra, seria necessário utilizar o concurso de todos os falantes a fim de se obter um quadro mais completo da estrutura da mesma.

Um problema maior com que nos defrontamos no processo de investigação da língua Krenak/Nakrehê é o de como avaliar o grau de conhecimento dos falantes e, portanto, o grau de completude do material coletado. De um lado, a situação sociolinguística da comunidade leva a supor que tenha havido simplificação e esquecimento de estruturas por parte dos falantes. Por outro lado, conforme referido, há uma reserva da comunidade quanto ao ensino da língua. Nestas condições, e principalmente na fase inicial da pesquisa, quando tínhamos menor domínio sobre os dados, surgiu a necessidade de avaliar a natureza do material coletado. Avaliar, por exemplo, em que medida a ausência de certas es-

estruturas esperadas na língua se deviam ao esquecimento, ou decorriam do fato de o informante não querer fornecê-las, ou ainda do fato de nunca terem existido na língua.

A avaliação tem sido feita por meio de certos recursos de ordem externa e interna. Um desses recursos é comparação entre os dados coletados junto aos falantes e os materiais históricos sobre a língua. Efetuado o levantamento dos materiais linguísticos referentes ao Botocudo (Seki, 1984a) verificou-se que os mesmos tem sua utilidade reduzida, visto consistirem quase que exclusivamente de listas vocabulares com transcrição por vezes de qualidade duvidosa, sem indicações precisas quanto ao grupo e local de coleta. Apesar das deficiências que apresentam e de exigirem cuidado em sua utilização, esses materiais têm sido de grande valia na identificação dos dados linguísticos atuais, principalmente no que se refere a itens lexicais e mesmo certos aspectos da gramática.

A comparação de dados obtidos de diferentes informantes constitui um recurso para avaliar o grau de interferência do Português e também, o grau de esquecimento da língua nativa. Tal comparação mostrou, por exemplo, que a interferência é variável nos quatro informantes com que trabalhamos. J.D. apresentou um grande número de empréstimos quando da elicitación de itens lexicais isolados, enquanto os outros informantes forneceram, sem hesitação, os equivalentes desses itens na língua nativa. Da mesma forma, estruturas gramaticais aparentemente esquecidas por um informante foram prontamente lembradas por outro, ou mesmo por todos os demais.

Um outro recurso utilizado foi o de observar as reações dos informantes enquanto ouviam a produção gravada de outro. Faziam-no com grande interesse, concordando ou discordando das respostas, voluntariando alternativas e explicações.

Também reveladora é a observação da atitude do informante ao fornecer as respostas às questões a ele colocadas. A demora em responder, a hesitação entre diferentes formas, o tom mais débil de voz podem ser, e são com frequência, indícios de insegurança e esquecimento. Com relação a uma de nossas informantes a insegurança na produção de textos seguidos se manifestava inclusive no tremor do corpo.

Cumprê esclarecer que os indícios mencionados eram mais frequentes na fase inicial da pesquisa, isto é, pouco depois do retorno da comunidade ao rio Doce e após, portanto, um período bastante longo em que a língua foi pouco ou nada usada. Com o correr do tempo, o uso mais frequente da língua e o próprio trabalho com o linguista contribuíram para reavivar a memória linguística. Os informantes foram adquirindo uma segurança cada vez maior em suas respostas, inclusive em

admitir, quando era o caso, que no momento não se lembravam de um determinado termo, mas que se lembrariam depois. Este fato é indicativo de que o conhecimento da língua está em parte passivo, latente, mas não totalmente perdido, e que poderá ser recuperado caso existam as condições apropriadas.

A mesma conclusão nos leva a comparação de dados fornecidos por um mesmo informante em diferentes momentos de uma sessão ou em diferentes sessões. Estruturas gramaticais em que era patente a interferência do Português eram depois substituídas por estruturas típicas da língua nativa. Assim, por exemplo, obtivemos para a expressão "carne de galinha" obtivemos inicialmente a resposta "čij du >ã>ã" (cij "carne", >ã>ã "galinha") que é um decalque do Português. Posteriormente o equivalente nativo foi recuperado pelo próprio informante que nos forneceu a expressão ">ã>ã ñik (ñik "carne"), uma estrutura característica de línguas indígenas e também do Krenak, conforme confirmado por outros informantes.

Cabe acentuar o importante papel que pode ter o investigador neste processo de recuperação linguística. No decorrer da pesquisa nosso interesse pela língua contribuiu inegavelmente para uma maior valorização da mesma perante a comunidade. Por outro lado, na medida em que elicitávamos os dados sobre a língua de uma maneira metódica e organizada induzíamos à associação de idéias, contribuindo para fazer a florar a memória do falante estruturas adormecidas, mas não perdidas. Por outro lado, nosso trabalho foi útil também no sentido de "passar" informações entre falantes de diferentes localidades, dando-lhes acesso ao material coletado, inclusive cartas gravadas.

Obviamente, a maior contribuição que o linguista poderia fazer seria colocar à disposição da comunidade Krenak e daqueles que com ela trabalham uma descrição o mais completa possível da língua. Contudo, o êxito deste projeto dependerá fundamentalmente da possibilidade de vencer as dificuldades abordadas nesta comunicação, bem como outras dificuldades encontradas no trabalho de investigação da língua.

